

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
INSTITUTO VILLA-LOBOS
LICENCIATURA EM MÚSICA

A PREPARAÇÃO DE ALUNOS DE 1ª A 4ª SÉRIES DO ENSINO FUNDAMENTAL PARA
O INGRESSO NA ATIVIDADE CORAL DA ESCOLA

MARCO AURÉLIO DE CARVALHO SOARES

RIO DE JANEIRO, 2006

A PREPARAÇÃO DE ALUNOS DE 1ª A 4ª SÉRIES DO ENSINO FUNDAMENTAL PARA
O INGRESSO NA ATIVIDADE CORAL DA ESCOLA

por

MARCO AURÉLIO DE CARVALHO SOARES

Monografia apresentada para conclusão do curso de Licenciatura Plena em Educação Artística – Habilitação em Música do Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes da UNIRIO, sob a orientação da professora mestre Silvia Sobreira.

Rio de Janeiro, 2006

SOARES, Marco Aurélio de Carvalho. *A Preparação de alunos de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental para o ingresso na atividade coral da escola*. 2006. Monografia (Licenciatura Plena em Educação Artística – Habilitação em Música) – Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade do Rio de Janeiro.

RESUMO

O objetivo deste trabalho de monografia é identificar as principais metas que devem ser propostas e as etapas que devem ser percorridas na preparação de alunos de 1ª à 4ª séries do Ensino Fundamental para o ingresso na atividade coral dentro da escola de ensino regular. O trabalho procura demonstrar a importância desse tipo de atividade preparatória como ferramenta para conciliar a necessidade de manter a motivação dos alunos mais avançados que participam da atividade coral com a necessidade de possibilitar o acesso de todos os novos alunos interessados em cantar, independente do estágio de desenvolvimento musical em que se encontram ou da experiência prévia que tiveram com atividade vocal. Além disso, o trabalho também indica de que forma podemos direcionar a escolha do repertório e a produção de pequenos arranjos para a superação gradual das dificuldades de afinação e para a introdução do canto a duas vozes.

SUMÁRIO

	Página
CAPÍTULO 1 – Introdução.....	01
1.1 Objetivos e metodologia	
1.2 O Colégio Cruzeiro e sua atividade coral atual na filial do Centro	
CAPÍTULO 2 – Principais objetivos na preparação de crianças para a atividade coral da escola.....	07
2.1 Objetivos musicais	
2.1.1 Afinação	
2.1.2 Conhecimento dos conceitos musicais e contato com a partitura	
2.2 Objetivos relacionados à atividade escolar	
CAPÍTULO 3 – A seleção do repertório.....	16
3.1 Afinação no canto em uníssono	
3.2 Introdução à prática vocal a duas vozes	
CAPÍTULO 4 – Conclusão.....	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	24
ANEXOS.....	25

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu de questionamentos vivenciados através da minha experiência em estágios curriculares como aluno da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Em minha primeira atuação como estagiário na Escola Municipal Albert Schweitzer, situada no bairro de Laranjeiras no Rio de Janeiro, dirigi, durante um semestre, aulas de música para uma turma de alunos com faixa etária entre 8 e 12 anos. Procurei utilizar o canto coletivo como principal ferramenta didática para trabalhar de forma prática os conteúdos musicais adequados àquela faixa etária e ao grau de contato prévio que eles tinham com aulas de música. Na tentativa de trabalhar uma música em uníssono para uma apresentação de final de ano voltada para os colegas e familiares das crianças, constatei que a grande maioria delas apresentava grande dificuldade de entoar as notas da melodia. Eles tendiam a “falar” o texto, ao invés de cantá-lo. Insisti no trabalho com a mesma música, tentando “lançar mão” dos poucos recursos didáticos de que dispunha. Algumas vezes, procurei fazer um gestual com as mãos que correspondesse ao perfil melódico do trecho que estivesse sendo cantado. Outras vezes, tentei trabalhar com um pequeno grupo de alunos e fazer com que o resto da turma apenas ouvisse. Trabalhei um bom tempo com uma frase musical isolada para tentar sensibilizá-los para as diferenças de altura somente daquele pequeno trecho. Porém, os avanços foram muito pequenos e a atividade acabou se tornando desinteressante e frustrante para a turma, o que acabou gerando dificuldades ainda maiores de concentração e disciplina no trabalho. Como a turma era muito grande (aproximadamente 30 alunos), muito heterogênea em termos de idade (alunos de 8 a 12

anos), o tempo de trabalho era muito limitado (um encontro semanal de cinquenta minutos de duração) e o meu preparo como professor não era adequado, ficou claro que os objetivos propostos não seriam alcançados. Porém, continuei me indagando sobre quais procedimentos seriam necessários para conduzi-los a uma boa entoação das notas daquela melodia.

Na busca em me preparar adequadamente para a realização desse tipo de atividade, entrei em contato com o trabalho coral realizado no Colégio Cruzeiro, em sua filial do centro da cidade do Rio de Janeiro. No segundo semestre de 2005, realizei estágio curricular nos corais deste colégio, observando as atividades dirigidas por Patrícia Costa. A qualidade do seu trabalho como regente de coros juvenis é amplamente reconhecida, com destaque para aquele que mantém há quatorze anos no Colégio São Vicente de Paulo, também situado no Rio de Janeiro. Durante a realização desse estágio, descobri que na sua equipe de trabalho havia uma professora que atuava exclusivamente na preparação dos alunos na faixa etária entre 7 e 10 anos de idade para o ingresso no coro infantil do colégio. Amarílis Santiago, regente coral e professora de música, que se destacou pela qualidade do trabalho que realiza há vinte e cinco anos no Colégio Santo Antônio Maria Zaccaria, era a profissional responsável por esse trabalho de preparação. Percebendo que a observação dessa atividade poderia contribuir para o esclarecimento das dúvidas surgidas no decorrer do estágio que realizei na outra escola, procurei a professora Amarílis e fui aceito para realizar estágio de observação em suas turmas do Colégio Cruzeiro no primeiro semestre de 2006.

A legislação em vigência determina que toda escola é obrigada a oferecer a disciplina “Arte” no Ensino Fundamental. Logo, foi criada uma demanda por professores e projetos pedagógicos que atendam às necessidades de crianças na faixa etária entre aproximadamente 7 e 14 de idade. Muitos profissionais licenciados em “Arte” e habilitados em “Música” passaram a

ter a oportunidade de desenvolver algum tipo de trabalho pedagógico com essas crianças. Então, “que projeto um professor de música pode levar para a escola?”. Aos nos referirmos ao ensino regular de música na Educação Básica da escola pública brasileira, podemos afirmar que “se na hierarquização das atividades musicais a escola privilegia as de execução, dentre elas, o canto é a prática que domina as experiências das salas de aula” (Tourinho, 1993, p.95). E podemos apontar algumas razões práticas que geralmente justificam essa escolha:

O canto requer, para acontecer, apenas a voz do aluno (...) Outra razão é que estudantes de todas as idades, raças e origens sociais parecem possuir habilidades para o canto (Merriam, 1964). Isso significa que dificilmente uma professora encontrará a situação de um aluno que não consegue ou não pode cantar (Tourinho, 1993, p.96).

Além disso, observa-se que algumas escolas de ensino privado do Rio de Janeiro oferecem atividades extracurriculares de canto coral para os alunos mais interessados em música. Com a intenção de me dedicar profissionalmente à atividade de regente coral e considerando todo o quadro previamente descrito, comecei a me perguntar: “que tipo de aptidões ou habilidades são necessárias para que crianças nessa faixa etária possam estar prontas para participar de uma atividade coral regular?” Sabemos que as crianças que dispõem de mais recursos financeiros têm mais acesso à formação musical fora da escola. Mas “como é possível realizar esse preparo dentro do contexto de uma escola de ensino regular?”.

1.1) Objetivos e Metodologia

O objetivo deste trabalho de monografia é identificar as principais metas que devem ser propostas e as etapas que devem ser percorridas na preparação de crianças na faixa etária de 7 a

10 anos para o ingresso na atividade coral dentro da escola de ensino regular. O trabalho também indica de que forma podemos direcionar a escolha do repertório e a produção de pequenos arranjos à superação dessas etapas do desenvolvimento musical da criança. No sentido mais genérico, contribui para a compreensão de como a prática coral pode constituir importante instrumento didático para o ensino de música, especialmente em escolas de ensino regular.

Para a realização deste trabalho, utilizei uma metodologia que procura balancear a fundamentação teórica obtida através da leitura de textos com a experiência prática observada no Colégio Cruzeiro. Ela consistiu basicamente na realização de três tarefas: a produção e análise de extenso relatório das atividades observadas no estágio realizado nesse colégio, a realização de uma entrevista com Amarílis Santiago (ANEXO I) e pesquisa bibliográfica.

1.2) O Colégio Cruzeiro e sua atividade coral atual na filial do Centro

O colégio Cruzeiro foi fundado no século XIX como um colégio alemão no Brasil. Hoje em dia, boa parte de seus alunos ainda tem descendência alemã. Em geral, o nível sócio-cultural dos alunos é alto e os pais valorizam as atividades extracurriculares da escola, estimulando o desenvolvimento dos alunos não só nas ciências, mas também nas artes, nas línguas estrangeiras e nas atividades esportivas. Os alunos estudam música como atividade regular desde a Educação Infantil até a 5ª série do Ensino Fundamental. Como atividade extra-classe, os alunos têm a oportunidade de estudar violino, violão ou flauta doce, além de poder participar de um dos corais da escola. Os diferentes corais são organizados por faixa etária ou pela série em que estudam os alunos. Há flexibilidade nesses limites, dependendo da adaptação de cada indivíduo.

Infantil	Alunos de 1 ^a a 4 ^a série do Ensino Fundamental
Juvenil 1	Alunos de 5 ^a a 7 ^a série do Ensino Fundamental
Juvenil 2	Alunos de 8 ^a série do E.F. e do Ensino Médio
Adulto	Aberto aos Pais e à comunidade

Estes corais atuam de forma integrada, com o objetivo de se apresentar como um grande coro em datas festivas, em eventos organizados pelo colégio e até mesmo em encontros corais realizados em outras cidades.

Patrícia Costa e sua equipe realizam esse trabalho no Colégio Cruzeiro desde 2002. Algumas das principais características que pude observar no seu trabalho como regente coral do colégio são a valorização da expressão cênica do coro e a ampla utilização de arranjos de música popular brasileira dos mais diversos gêneros e épocas, estimulando o interesse do aluno em ampliar o seu contato com diferentes tipos de música. Ela trabalha com uma equipe de monitores, uma regente assistente e um tecladista acompanhador que contribuem de forma decisiva para o sucesso da atividade coral.

A Regente assistente Amarílis Santiago, integrante dessa equipe, realiza o trabalho de preparação de crianças que pretendem ingressar na atividade coral do colégio, mas ainda não atingiram os níveis necessários de qualidade vocal, desenvolvimento musical, habilidade com a leitura ou maturidade. A turma de *Preparatório I* atende aos alunos de 1^a e 2^a série do Ensino Fundamental e a de *Preparatório II* atende aos de 3^a e 4^a série. Todas as crianças que procuram a atividade coral na escola passam por uma espécie de avaliação. Aquelas que têm experiência prévia com coral ou facilidade natural de afinação e que já têm maturidade para lidar com

partitura, ingressam diretamente no coro infantil. As crianças que têm mais dificuldade de afinação, que "falam" ao invés de cantar ou que ainda são imaturas para a atividade coral regular, devem ingressar no *Preparatório*, onde realizarão um trabalho de um ou dois anos com a professora Amarílis. Somente após essa preparação, estes últimos poderão ingressar na atividade coral regular. Todas as crianças de 1ª série devem necessariamente passar pelo *Preparatório*, devido à imaturidade para lidar com a postura coral e pela dificuldade que ainda apresentam com a leitura. As atividades são realizadas em encontros semanais de uma hora de duração. A curta duração dos encontros, bem como a pouca frequência dos mesmos, foi uma das razões que me levaram a procurar estágio nesse colégio e a realizar a monografia com base nas atividades observadas nele. É interessante verificar que um trabalho de qualidade pode ser realizado dentro desse limite de tempo, principalmente porque essa dificuldade provavelmente existe em diversas outras escolas que realizam ou pretendem realizar um trabalho coral semelhante.

CAPÍTULO II

PRINCIPAIS OBJETIVOS NA PREPARAÇÃO DE CRIANÇAS PARA A ATIVIDADE CORAL DA ESCOLA

2.1) Objetivos musicais

2.1.1) Afinação

Não é possível realizar uma atividade coral infantil de qualidade razoável, que cante um repertório com divisão de vozes, sem que todos os participantes tenham atingido um determinado nível básico em termos de capacidade de afinação. Da mesma forma, é difícil lidar com um grupo muito heterogêneo em termos de desenvolvimento musical e qualidade vocal. A atividade se tornaria improdutivo tanto para os menos afinados, que se sentiriam frustrados por sistematicamente não conseguirem atuar como os outros, quanto para os mais afinados, que não se sentiriam motivados pelo resultado sonoro do grupo. Em se tratando de um coro infantil, temos que ter cuidados especiais nesse sentido. Se incluirmos no coro uma criança que ainda não atingiu o grau de desenvolvimento necessário para participar dessa atividade, ela poderá acabar sendo rotulada pelo grupo ou até mesmo pelo regente como “desafinada”, o que traria conseqüências negativas para o seu desenvolvimento. Sobre isso, Chevitarese (1996) afirma:

Este procedimento impedirá a criança de se desenvolver, criando um círculo vicioso, pois quanto maior a discriminação feita pelo grupo, mais a criança se sentirá insegura e temerosa. O estado de ansiedade provoca tensões no aparelho fonador, dificultando a emissão dos sons em sua exata frequência (...) Além disso, o medo, assim como o excesso de agitação, impedem a concentração, dificultando ouvir com precisão (Chevitarese, 1996, p.23).

Por outro lado, se classificamos uma criança como “não apta” em um processo seletivo de vozes para o coro, podemos estar dizendo “você não serve para cantar”. A tendência é que esta criança se desinteresse totalmente pela atividade ou que se sinta frustrada. Nesse sentido, Sobreira (2002) afirma:

O problema da desafinação tem que ser tratado evitando-se que a criança sinta que tenha uma característica que a torne diferente, em um sentido negativo, das outras crianças. Rotular uma criança como desafinada e impedi-la de cantar, sem ao menos lhe apresentar uma alternativa para aprender, é um comportamento rejeitado por todos os educadores estudados (Sobreira, 2003, p.95).

A fim de manter a qualidade musical do coral da escola e não prejudicar o desenvolvimento dos alunos mais avançados, mas, ao mesmo tempo, estimular o acesso de todas as crianças ao prazer de cantar que a atividade coral oferece e ao desenvolvimento pessoal e musical que ela possibilita, devemos considerar que melhorar a capacidade de afinação dos alunos deve ser o principal objetivo da preparação de crianças para o ingresso na atividade coral da escola.

No trabalho realizado dentro de uma escola de ensino regular, mais do que em qualquer outro, é muito importante a inclusão de alunos com diversos níveis de aptidão ou desenvolvimento. O objetivo não é formar virtuosos, mas formar pessoas melhores. Sobre isso, Amarílis Santiago afirma:

No coral de escola, não podemos ser rígidos na seleção dos alunos e no início do trabalho. Temos que ter muita “abertura” para receber as primeiras vozes. Por isso, a Patrícia criou esse grupo preparatório. É uma escolinha mesmo. Acho que isso deveria acontecer sempre (ANEXO I).

Sobre a função do coral escolar para além do ensino musical, ela completa:

A atividade coral na escola tem uma função educativa de levar o jovem para o lado bom da vida e de fazer com que ele tenha prazer em cantar, em participar. (...) Para que a escola mantenha esse ideal, ela deve fazer algumas concessões quanto ao nível técnico musical (qualidade vocal, afinação) a ser atingido pelos alunos. Isso não significa expor o seu grupo ao ridículo de se apresentar cantando tudo desafinado e horroroso. Significa alcançar um nível de qualidade muito bom, mas reconhecer um limite e saber que não vai além daquilo (ANEXO I).

Dentro de um grupo de alunos iniciantes, a capacidade de afinar pode variar muito.

Entretanto, Chevitaese (1996) reconhece dois níveis básicos ao afirmar que:

Ao refletirmos sobre a afinação na voz infantil, somos imediatamente levados a separar as crianças em dois grupos. Em um deles, colocamos aquelas que, ao tentar reproduzir uma linha melódica, afastam-se substancialmente daquela, limitando-se muitas vezes, a “falar” o texto, ao invés de cantar a melodia e no outro grupo, as crianças que já são capazes de emitir com razoável precisão (Chevitaese, 1996, p.18)

A mesma autora afirma ainda que a dificuldade em afinar ocorre “por razões fisiológicas, psicológicas, falta de estimulação sonora ou má utilização do aparelho vocal” (Chevitaese, 1996, p.19). Crianças com problemas fisiológicos que reduzem sua capacidade de audição ou de concentração, deverão ser tratadas com cuidado especial. É importante que o regente tenha contato com a família e que exista algum diagnóstico médico. O mesmo pode ocorrer com as dificuldades psicológicas que interferem na capacidade de afinar, se elas forem graves. Chevitaese (1996) lembra que o excesso de timidez ou a necessidade excessiva de se exibir podem levar a criança a não ter a concentração necessária para ouvir e reproduzir com maior precisão. Em uma atividade coral regular seria muito difícil para o regente se concentrar com tal nível de profundidade e atenção nas dificuldades individuais de cada um. Portanto, essa é uma responsabilidade que a atividade preparatória pode assumir, especialmente em se tratando de educação infantil.

Amarílis Santiago relata o caso de um de seus alunos das turmas de preparação do Colégio Cruzeiro:

Acredito muito na atividade coral como um caminho para a educação musical. Educar para ouvir, educar para a concentração, educar para a vida. Nesse sentido, mesmo quando temos alunos com dificuldades especiais, procuramos mantê-los na preparação. Atualmente, tenho um aluno hiper-ativo e, portanto, com muito mais dificuldade de concentração do que o resto do grupo. Durante a apresentação, ele deve cometer vários erros que são diluídos no som do coro todo. Entretanto, talvez seja justamente através do coral a sua melhor chance de desenvolver essa capacidade de concentração. Por gostar da música, ele faz um esforço maior. É mais fácil ele desenvolver certas habilidades aqui do que na sala de aula de uma disciplina que ele faz mais por obrigação (ANEXO I).

Se a dificuldade de afinação ocorrer devido à falta de estimulação sonora ou por má utilização do aparelho vocal, podemos superá-la através de um bom planejamento de ensaios, de uma escolha eficiente de procedimentos didáticos e da escolha de repertório adequado ao desenvolvimento musical em cada uma de suas etapas. A questão da escolha do repertório será desenvolvida no capítulo 3.

O mais importante para o professor ou regente coral que lida com os iniciantes será compreender que o fato de algumas dessas crianças, na sua emissão, se afastarem substancialmente da melodia dada “não determina de forma alguma que [elas] não serão capazes de afinar” (Chevitarese, 1996, p.18). O trabalho de preparação atingirá seu objetivo se possibilitar que todas elas atinjam um padrão mínimo comum e necessário de qualidade vocal e afinação. Nesse sentido, Amarílis Santiago afirma que:

O maior objetivo é que, depois de um ou dois anos de trabalho, o aluno consiga perceber quando ele está desafinando e se corrigir sozinho. Espero que, a partir de um dado acorde inicial de tônica, a criança seja capaz de cantar a música naquele tom. Alcançado esse estágio, o aluno já está apto a ir para o coro infantil ou para o juvenil (ANEXO I).

2.1.2) Conhecimento dos conceitos musicais e contato com a partitura

Em estágio realizado nos corais dirigidos por Patrícia Costa no Colégio Cruzeiro, observei que as músicas são aprendidas “de ouvido”, mas a regente sempre exige que todos os coralistas estejam lendo a partitura enquanto cantam. Eles não precisam saber solfejar, mas devem ser capazes de acompanhar a música pelo contorno melódico de cada voz e saber se localizar na música através da partitura. Dessa forma, eles vão se familiarizando gradualmente com o uso dos diversos símbolos da escrita musical. Em todos os coros, a regente Patrícia Costa utiliza termos técnicos musicais durante todo o ensaio. Mesmo nos coros infantis, ela fala em sistema, compasso, nomes de nota e figuras rítmicas. Além disso, ela trabalha o conhecimento teórico musical para além do simples reconhecimento de símbolos da escrita. Sempre que é possível, procura identificar com as crianças os elementos do arranjo, como melodia principal e secundária, trechos em uníssono ou formação de acordes. Isso é muito positivo, pois estimula na criança a percepção de que teoria e prática são formas complementares de conhecimento e que ambas são necessárias ao seu desenvolvimento. Ao trabalhar esses conceitos, a prática coral realizada no Colégio Cruzeiro está exercendo uma função complementar de ensinar teoria musical. O mais interessante foi verificar que, durante o meu estágio tanto nos corais da escola como nas atividades do *Preparatório*, nenhum termo técnico musical foi utilizado antes que o conceito que a ele corresponde fosse necessário para a resolução de um problema prático musical dos alunos surgido no repertório ensaiado. Nesse sentido, Figueiredo (1990) afirma:

O Estudo da teoria musical – como ocorre tradicionalmente -, tem comprometido de maneira significativa a aprendizagem de conceitos musicais. Muito se trabalha sobre símbolos musicais sem que estes estejam devidamente relacionados com o

conceito que expressam. (...) O coral é uma atividade eminentemente prática. Toda informação teórica, histórica ou estética só terá sentido quando facilitar a aprendizagem musical. (...) O conhecimento da grafia musical pode ser um caminho útil para o desenvolvimento da prática coral desde que esteja devidamente contextualizado e alicerçado numa prática. Isto quer dizer que a educação musical através da prática coral é possível quando os elementos teóricos podem ser localizados no repertório (Figueiredo, 1990, p.21-22).

Na visão de Fernandes (1998), a prática deve preceder a sistematização, afinal, esta não é condição para o fazer musical. Basta observarmos os exemplos de culturas nas quais predomina a tradição oral: “no caso da África, por exemplo, a maioria das comunidades negras que não desenvolveram sistemas de escrita da língua não construiu sistemas de escrita musical, mesmo tendo um complexo sistema de discurso musical” (Fernandes, 1998). Esta concepção também se verifica no âmbito mais restrito da prática coral infantil.

O trabalho coral, na atualidade, se preocupa em sensibilizar a criança e fazer com que esta, através de sua própria vivência, desenvolva o sentido de pulso, ritmo, altura de sons, intervalos, frases, períodos, estruturação harmônica, etc, abrindo assim as portas para o ensino da teoria musical. Uma vez todos estes conceitos já vivenciados, faltará apenas conscientizá-los e sistematizá-los (Chevitarese, 1996, p.4).

É através do treinamento de uma escuta ativa e através do estímulo à percepção musical que podemos fazer com que a criança sinta necessidade de entrar em contato com o conteúdo teórico.

Considerando-se todo o quadro descrito anteriormente, podemos concluir que um dos principais objetivos da preparação de alunos para a atividade coral infantil regular deve ser justamente o de treinar essa escuta ativa e estimular a percepção musical em um primeiro momento, para depois possibilitar um contato gradual e contextualizado com os conceitos musicais e com os símbolos convencionais da escrita musical tradicional.

Pude observar essa concepção pedagógica sendo aplicada nas turmas de *Preparatório* do colégio Cruzeiro. Tanto o *Preparatório I* como o *II* trabalham com ênfase na percepção e na musicalização. A diferença fundamental é que no *Preparatório II*, os conceitos teóricos musicais e o uso da partitura vão sendo incluídos gradualmente. Amarílis Santiago explica que é inadequada essa conceituação teórica com crianças na faixa etária atendida pelo *Preparatório I*:

No Preparatório I, eu trabalho só com a letra. Não vejo maturidade para que eles tenham um contato com a partitura. A idéia é musicalizar. Através da música, você vai chegando a todos os conteúdos. No início do ano, ler a letra já é uma tarefa difícil para eles. Eles demoram muito para ler cada frase. Então, você vai jogar duas leituras ao mesmo tempo (ler a letra na partitura, com as sílabas do texto separadas)? Você confunde tudo. Por isso, sou adepta da idéia de que não se deve dar partitura para uma criança de sete anos. Eu só começo a trabalhar com a partitura quando a leitura de texto (letra da música) já estiver boa. Às vezes isso já ocorre no final do Preparatório I (ANEXO I).

Segundo Amarílis, “com nove e dez anos de idade, a leitura de texto já não é mais mistério. Então, ele já pode se dedicar a uma outra leitura, a outra linguagem escrita: a musical”. Durante o estágio, tive a oportunidade de presenciar o primeiro contato dos alunos do *Preparatório II* com partitura. Fiquei impressionado com a naturalidade com que eles se familiarizaram com as noções de compasso e sistema.

2.2) Objetivos relacionados à atividade escolar

Existem características importantes que diferenciam a atividade coral infantil em geral, especialmente aquela voltada para a realização de concertos, daquela praticada dentro de uma escola de ensino regular. A realização de uma atividade coral dentro da escola a caracteriza como uma atividade pedagógica e, como tal, é importante que exista algum nível de sistematização dos

conteúdos musicais a serem trabalhados e dos procedimentos didáticos utilizados, a fim de atingir a objetivos claramente definidos. Esses objetivos devem estar subordinados ao projeto político-pedagógico da instituição e à linha pedagógica adotada por ela.

Um dos importantes objetivos que uma atividade coral escolar pode ter é o de relacionar o conteúdo musical com o conteúdo de outras disciplinas estudadas no colégio. Um bom exemplo disso é a “Interpretação de Texto”. Esse é um conteúdo da disciplina “Língua Portuguesa” que está presente em qualquer atividade coral, considerando-se que a música cantada em geral tem texto. Na atividade coral em geral, esse aspecto pode ser trabalhado com pouca ênfase. Porém, no coral de uma escola, temos a oportunidade de trabalhar em conjunto com o professor de Língua Portuguesa, de forma que uma atividade potencialize a outra.

Essa conexão entre conteúdos de diferentes disciplinas é um dos objetivos do trabalho de Patrícia Costa no Colégio Cruzeiro. Amarílis Santiago comenta como isso ocorre, exemplificando: “às vezes a professora de Língua Portuguesa trabalha a interpretação de texto, utilizando letras de músicas do repertório do coral” (ANEXO I).

O estudo de língua estrangeira no colégio também pode ser trabalhado em conjunto com a atividade coral. No caso do Colégio Cruzeiro, o alemão, o inglês e o espanhol são estudados como atividades curriculares. Sobre isso, Amarílis comenta que:

Os alunos são alfabetizados não só em português, mas também em alemão. Continuam estudando alemão até o Ensino Médio. Então essa é que é a língua estrangeira forte no colégio. (...) Patrícia sempre teve a preocupação em utilizar bastante o alemão no repertório, até por causa da origem da escola. (...) A Patrícia também passa as músicas em alemão para a professora dessa disciplina, para que ela possa trabalhar com a tradução e interpretação em sala de aula (ANEXO I).

Na interpretação do texto, o arranjo musical também cumpre importante função. Os arranjos produzidos por Patrícia Costa reforçam o caráter da música e o sentido da letra. Dessa

maneira, a criança tem não só uma compreensão semântica do texto, mas também uma vivência emocional mais intensa desse significado através da realização musical.

O repertório do coral valoriza e aplica esse conhecimento lingüístico obtido no colégio, na medida em que inclui música erudita e popular originalmente escrita nessas línguas ou versões feitas para elas. Em meu estágio, acompanhei ensaio de arranjo criado pela própria Patrícia Costa para uma versão em alemão de “I Wanna Hold Your Hand” dos Beatles. Amarílis comenta que: “ano passado, cantamos “Jesus, Alegria dos Homens” e parte da Sinfonia No. 9” de Beethoven com texto em alemão” (ANEXO I).

No *Preparatório* do Colégio Cruzeiro, pude observar que ao apresentar uma música nova às crianças, a professora sempre procurava debater a temática da letra e o seu sentido com os alunos, bem como estudar o vocabulário. Esse procedimento foi reproduzido sistematicamente nas aulas observadas durante o meu estágio. Sobre isso, ela afirma:

Sempre dou muita ênfase ao texto, pois ele conduz à interpretação. Acho muito importante que o aluno entenda o que está cantando, pois assim ele se envolve mais. Por isso, quando cantamos em outra língua, sempre trago a tradução. Além disso, é importante informar a criança com relação ao vocabulário. Sempre que podemos, nós trabalhamos todo o vocabulário. Iniciei minha vida profissional como professora de música. Portanto, trago essa preocupação de manter a criança informada (ANEXO I).

Uma parte do repertório trabalhado é comum a todos os coros. Outra parte varia, de forma a se adequar não só às possibilidades técnicas, mas também às necessidades expressivas de cada faixa etária. A cada ano, Patrícia Costa trabalha com um tema específico. Sendo assim, quase todo o repertório escolhido deve ter alguma relação com ele. O principal objetivo dessa escolha é fazer com que a atividade coral cumpra uma função educacional para além do conteúdo musical. Em 2005, por exemplo, o tema escolhido foi a “Fome”.

CAPÍTULO III

A SELEÇÃO DO REPERTÓRIO

O Principal objetivo desta seção é identificar a relação entre o repertório a ser utilizado nas atividades de preparação e o desenvolvimento musical do aluno. Ou seja, é identificar, qual é a função didática musical cumprida pelo material melódico selecionado ou pelos arranjos produzidos.

Sobre os critérios gerais para a escolha de repertório para um grupo coral infantil, podemos afirmar que “saber a necessidade do grupo em cada etapa do seu desenvolvimento facilitará a escolha das peças. Por sua vez, as particularidades técnicas de cada uma delas apontarão o momento adequado para a sua utilização” (Cruz, 1997, p.67)

A mesma autora comenta ainda que:

Cada peça deve trabalhar um ou mais aspectos da técnica vocal e da linguagem musical de maneira que sejam encontrados no repertório todos os elementos para um desenvolvimento musical global. O regente deve evitar escolher peças que apresentem a mesma dificuldade (Cruz, 1997, p.71).

Nas atividades corais infantis que observei nos estágios realizados no Colégio Cruzeiro, percebi que existe uma série de atividades complementares ao ensaio do repertório e que contribuem para o desenvolvimento do aluno. São os vocalizes, os exercícios de respiração, as atividades de percepção, as cantigas de roda. Elas podem ser criadas e utilizadas em função das dificuldades ou desafios apresentados pelo repertório que estiver sendo ensaiado. É através da relação emocional com a música que a criança vai encontrar o maior estímulo para seu

desenvolvimento vocal. Portanto, quanto mais o desenvolvimento vier através do repertório, mais natural e prazeroso ele será para o aluno. Isso é especialmente válido quando lidamos com crianças da faixa etária entre 7 e 8 anos, que ainda não conseguem se manter concentradas por muito tempo em uma única atividade e que, portanto, precisam estar sendo continuamente motivadas.

Em um coral infantil, o regente pode analisar o repertório disponível com o objetivo de identificar de que forma cada melodia, cada composição ou cada arranjo pode contribuir didaticamente para o desenvolvimento do aluno nos seguintes aspectos: 1) Extensão vocal; 2) Afinação; 3) Introdução à prática vocal a vozes; 4) Dicção; 5) Precisão rítmica; 6) Respiração.

Talvez o mais importante aspecto a ser observado é aquele apontado por Cruz (1997), ao afirmar que “ao serem analisadas as dificuldades de uma peça, não se pode perder de vista os limites entre a acomodação, o desafio e a frustração”. Nessa dosagem entre acomodação e desafio, uma proposta interessante poderá ser a utilização de músicas que apresentem relativa facilidade em determinados aspectos e dificuldades maiores em outros.

Este trabalho de monografia irá se concentrar apenas em procurar identificar de que forma a escolha do repertório pode contribuir para a afinação e para a introdução do canto a duas vozes, pois estes são dois pré-requisitos fundamentais para preparar o aluno para o ingresso na atividade coral.

3.1) Afinação no canto em uníssono

Amarílís Santiago considera que, nas turmas de *Preparatório*, o primeiro passo é fazer com que as crianças consigam afinar melodias em que predominem os saltos de arpejos dos

acordes que estejam soando na harmonia produzida por um instrumento acompanhador. O objetivo nesse estágio inicial não é afinar com precisão os saltos, mas estimular a percepção da diferença de alturas entre as notas da melodia. Ela explica:

Eu vejo maior facilidade para a criança perceber (...) a noção intervalar em músicas que têm saltos. Pode ser até que ela não atinja (afine) todas as notas alcançadas por salto, mas pelo menos percebe que cada nota é muito diferente da anterior (ANEXO I).

Para cumprir essa função, diversas músicas do folclore que são baseadas em arpejos podem ser úteis. Para as crianças de 7 e 8 anos de idade, é especialmente interessante utilizar cantigas de roda que tenham essas características melódicas. Sobre isso, Amarílis explica:

Com as crianças de 1ª e 2ª série do Preparatório I é muito importante trabalhar com as melodias folclóricas que levam à movimentação. Nessa faixa etária entre sete e oito anos, tudo é muito físico. Eles precisam se movimentar. A movimentação leva ao interesse (ANEXO I).

Uma alternativa interessante para essa faixa etária é o uso de repertório de música popular produzida para o público infantil. Durante o estágio no Colégio Cruzeiro, observei o trabalho com a música “Água, Terra, Fogo e Ar” (Bia Bedran), cuja melodia também é toda baseada em arpejos e que foi trabalhada com a mesma finalidade didática, embora em um nível mais avançado de dificuldade.

Depois desse trabalho inicial, podemos passar a utilizar melodias com predominância de movimento por grau conjunto. Nesse estágio de desenvolvimento, a criança terá condições de começar a perceber com mais clareza as diferenças de tom e semitom. Os vocalizes contribuirão decisivamente para melhorar a afinação. Cromatismos, por sua vez, criariam dificuldades ainda

maiores de entoação e, portanto, devem ser trabalhados com muito cuidado. Sobre isso, Chevitarese (1996) afirma:

Linhas melódicas onde apareçam cromatismos ou seqüência intervalar com alternância de 2ª maiores ou menores (...) A pequena diferença entre as freqüências destes sons faz com que a criança tenha dificuldade em discriminá-los auditivamente. Conseqüentemente, será necessário um desenvolvimento razoável par que se cante um trecho deste tipo com justeza de afinação (Chevitarese, 1996, p.86).

Todas essas orientações e etapas são projetadas de forma ideal. Nem sempre a prática permite que sejamos tão sistemáticos. Outras razões importantes podem fazer com que eventualmente tenhamos que sair dessa lógica. Por exemplo, é importante fazer com que o aluno do *Preparatório* participe de algumas apresentações do coro, cantando junto com o grupo todo. Mesmo que, para isso, ele tenha que eventualmente ensaiar algumas músicas muito difíceis para o seu estágio de desenvolvimento. Sobre isso, Amarílis Santiago comenta:

A participação das turmas de Preparatório nas apresentações do coro é muito importante, mesmo considerando a dificuldade do repertório. Depois das apresentações, eles voltam revigorados e motivados para o trabalho de sala de aula. Dessa forma, o Preparatório não fica sendo percebido como uma atividade menor feita pelos alunos que só podem cantar dentro de sala de aula (ANEXO I).

3.2) Introdução à prática vocal a duas vozes

No caso dos alunos que estão se preparando para o ingresso na atividade coral, o mais importante é conseguir um bom uníssono. “Não deve haver ansiedade em iniciar o canto a várias vozes. Um bom uníssono precisa de tempo para ser construído, principalmente se o grupo não teve uma atividade vocal anterior” (Cruz, 1997, p.71).

Ao ingressar na atividade coral regular, essas crianças terão que cantar a duas ou três vozes nos seus ensaios semanais. No início, elas tenderão a ir para a voz mais aguda do arranjo ou para a voz que está com a melodia da canção. Poderá levar algum tempo para que os iniciantes consigam manter-se na sua voz. Os arranjos utilizados poderão cumprir função didática importante, se suas características contribuírem para o desenvolvimento gradual dessa habilidade. Da mesma forma, o *Preparatório* também pode introduzir o canto a duas vozes para aquelas criança que já apresentaram evolução significativa na capacidade de afinação das melodias mais fáceis. Seria uma espécie de transição do canto exclusivamente em uníssono para um canto a vozes.

Um erro comum é acreditar que pode ser bom começar a trabalhar com divisão de vozes com composições ou arranjos baseados em terças paralelas. Nesse caso, mesmo as crianças mais desenvolvidas teriam dificuldade. Sobre isso, Chevitarese (1996) afirma:

É comum encontrarmos arranjos para Coro Infantil em que as vozes caminham em terças paralelas. Notamos que este tipo de escrita traz muita dificuldade. Como as linhas são semelhantes, as crianças tendem a cantar a melodia principal. Quanto maior independência tiverem as vozes, mais fácil será para a criança manter sua linha e afinar (Chevitarese, 1996, p.88).

Segundo Amarílis Santiago, a melhor forma de introduzir o canto a duas vozes é fazer com que as crianças se dividam em dois grupos e cantem, simultaneamente, duas melodias que se combinem. Existem pares de músicas do repertório de tradição oral que têm a mesma métrica, harmonias semelhantes e soam bem quando cantadas juntas. Para que a atividade seja eficiente, é importante que cada melodia seja trabalhada separadamente até que todas as crianças esetajam cantando com muita segurança e naturalidade. Sobre esse procedimento, ela comenta:

Fiz vários cursos de regência coral e todos os regentes foram unânimes em dizer que trabalhavam pares de músicas diferentes que se combinavam. É o primeiro passo para uma criança conseguir cantar uma melodia, ouvindo outra, sem caminhar para a outra voz. São exemplos de pares de música: a) “Casa de Farinha” e “Achei Bom, Bonito”; b) “Sai, Bicho Papão” e “Marcha Soldado” (ANEXO I).

O segundo e último passo que uma atividade preparatória poderia realizar nesse sentido seria cantar arranjos de músicas fáceis que alternem momentos em uníssono com momentos de canto a duas vozes bem simples. No momento do *divise*, uma voz continua cantando a melodia, enquanto a outra sustenta a última nota do trecho anterior. E sucessivamente as vozes se alternariam em ser “voz com nota sustentada” e “voz com melodia”. Isso poderia ser realizado como pergunta e resposta ou com uma voz imitando a outra. Um exemplo desse tipo de arranjo pode ser encontrado na canção “Fantasia” (Sheila Assumpção) do repertório de canções para coro infantil do livro de Cruz (1997).

CAPÍTULO IV

CONCLUSÃO

A atividade coral realizada no colégio não tem como objetivo a preparação de músicos para a realização de concertos. Os seus objetivos não se limitam ao aprendizado do conteúdo musical ou à preparação de um repertório. A ação coordenada com outras disciplinas escolares e a sua integração com a atividade escolar em geral são algumas de suas especificidades.

Uma das características mais importantes da atividade coral realizada na escola de ensino regular deve ser o estímulo à participação de todos os alunos interessados em cantar, independente do estágio de desenvolvimento musical em que se encontram ou da experiência prévia que tiveram com atividade vocal. Por outro lado, é necessário que cada participante atinja um determinado nível básico em termos de afinação e de conhecimento sobre os conceitos musicais para que a atividade coral produza um bom resultado sonoro e que, dessa forma, continue a ser estimulante e prazerosa para os coralistas.

Através da produção deste trabalho monográfico, pude verificar que a realização de uma atividade preparatória para o ingresso de alunos de 1ª à 4ª séries do Ensino Fundamental no coral da escola é uma importante ferramenta para conciliar essas necessidades. Ela pode atuar no apoio ao aluno com maior dificuldade de afinação, dando-lhe uma chance de se desenvolver, e pode preparar a criança para ir gradualmente se familiarizando com os conceitos musicais através da prática coral.

A seleção do repertório cumpre importante função nessa preparação. A análise das características das melodias pode nos levar a adequar melhor o repertório ao estágio de

desenvolvimento em que o grupo se encontra. Além disso, algumas técnicas podem ser utilizadas para a introdução do canto a duas vozes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHEVITARESE, Maria José. *A questão da afinação no coro infantil discutida a partir do “Guia Prático” de Villa Lobos e das “20 Rondas Infantis” de Edino Krieger*. 1996. Dissertação (Mestrado em Música Brasileira) – Centro de Letras e Artes, Universidade do Rio de Janeiro.

CRUZ, Gisele. *Canto, canção, cantoria: como montar um coral infantil*. São Paulo: SESC, 1997.

FERNANDES, José Nunes. Educação musical e fazer musical: o som precede o símbolo. *Revista Plural*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 47-58, 1998.

FIGUEIREDO, Sérgio. A Aprendizagem de Conceitos Musicais Através da Prática Coral. *Em Pauta*, Porto Alegre, v.1, p.21-28, 1990.

SOBREIRA, Silvia. *Desafinação Vocal*. Rio de Janeiro: Musimed, 2003.

TOURINHO, Irene. Usos e funções da música na escola pública de 1º grau. *Fundamentos da Educação Musical* (Série Fundamentos, 1), Porto Alegre, maio, p.91-133, 1993.

ANEXO I

Entrevista com Amarílis Santiago

Tema: O trabalho realizado nas turmas de *Preparatório* do Colégio Cruzeiro.

Data: 20/06/2006.

1) Sobre a ênfase que observei no trabalho com o texto (letra da música) e sobre o uso de outras línguas no repertório do coral

Sempre dou muita ênfase ao texto, pois ele conduz à interpretação. Acho muito importante que o aluno entenda o que está cantando, pois assim ele se envolve mais. Por isso, quando cantamos em outra língua, sempre trago a tradução. Além disso, é importante informar a criança com relação ao vocabulário. Sempre que podemos, nós trabalhamos todo o vocabulário. Iniciei minha vida profissional como professora de música. Portanto, trago essa preocupação de manter a criança informada.

No coral escolar, podemos realizar um interessante trabalho junto com os outros professores das turmas do colégio. No Colégio Cruzeiro, a Patrícia faz essa ligação. Por exemplo, às vezes a professora de Língua Portuguesa trabalha interpretação de texto utilizando letras de músicas do repertório do coral. A Patrícia também passa as músicas em alemão para a professora dessa disciplina, para que ela possa trabalhar com a tradução e interpretação em sala de aula.

Os alunos são alfabetizados não só em português, mas também em alemão. Continuam estudando alemão até o Ensino Médio. Então essa é que é a língua estrangeira forte no colégio.

Porém, o inglês e o espanhol também fazem parte do currículo. Patrícia sempre teve a preocupação em utilizar bastante o alemão no repertório, até por causa da origem da escola. Ano passado, cantamos “Jesus, Alegria dos Homens” e parte da Sinfonia No. 9” de Beethoven com texto em alemão.

2) Sobre o desenvolvimento dos alunos do *Preparatório* e sobre a importância dessa atividade

No coral de escola, não podemos ser rígidos na seleção dos alunos e no início do trabalho. Temos que ter muita “abertura” para receber as primeiras vozes. Por isso, a Patrícia criou esse grupo preparatório. É uma escolinha mesmo. Acho que isso deveria acontecer sempre.

Nesse grupo atual de *Preparatório II*, tenho um grupo de alunos que já vem trabalhando comigo há um ano. Eles já são bem mais desenvolvidos que os alunos do *Preparatório I*, embora eu ainda tenha problemas sérios de afinação com eles. Entretanto, eles já entendem quando eu digo: “você está cantando mais grave” ou “você não atingiu o agudo”. Até a nomenclatura já está toda trabalhada. O maior objetivo é que, depois de um ou dois anos de trabalho, o aluno consiga perceber quando ele está desafinando e se corrigir sozinho. Espero que, dado um acorde inicial de tônica, a criança seja capaz de cantar a música naquele tom. Alcançado esse estágio, o aluno já está apto a ir para o coro infantil ou para o juvenil.

Os alunos do *Preparatório* participam das apresentações, junto com os outros corais da escola. Esta é uma forma de evitar que a criança se sinta discriminada e pense: “eu sou o que não sabe cantar”, etc. Então, não há uma divisão tão clara entre os corais e os preparatórios.

Acredito muito na atividade coral como um caminho para a educação musical. Educar para ouvir, educar para a concentração, educar para a vida. Nesse sentido, mesmo quando temos alunos com dificuldades especiais, procuramos mantê-lo na preparação. Atualmente, tenho um aluno hiper-ativo e, portanto, com muito mais dificuldade de concentração do que o resto do grupo. Durante a apresentação, ele deve cometer vários erros que são diluídos no som do coro todo. Entretanto, talvez seja justamente através do coral a sua melhor chance de desenvolver essa capacidade de concentração. Por gostar da música, ele faz um esforço maior. É mais fácil ele desenvolver certas habilidades aqui do que na sala de aula de uma disciplina que ele faz mais por obrigação curricular.

3) Sobre o uso de partitura e sobre a introdução de conceitos musicais

No *Preparatório I*, eu trabalho só com a letra. Não vejo maturidade para que eles tenham um contato com a partitura. A idéia é musicalizar. Através da música, você vai chegando a todos os conteúdos. No início do ano, ler a letra já é uma tarefa difícil para eles. Eles demoram muito para ler cada frase. Então, você vai jogar duas leituras ao mesmo tempo (ler a letra na partitura, com as sílabas do texto separadas)? Você confunde tudo. Por isso, sou adepta da idéia de que não se deve dar partitura para uma criança de sete anos. Eu só começo a trabalhar com a partitura quando a leitura de texto (letra da música) já estiver boa. Às vezes isso já ocorre no final do *Preparatório I*.

No *Preparatório II*, eles já começam a trabalhar com a partitura para ir se familiarizando com ela aos poucos. Os conceitos musicais vão surgindo para eles a partir da

prática. Com nove e dez anos de idade, a leitura de texto já não é mais mistério. Então, ele já pode se dedicar à uma outra leitura, outra linguagem escrita: a musical.

4) Sobre a flexibilidade em relação à faixa etária nos corais da escola e nas turmas de *Preparatório*.

Às vezes não é possível manter os *preparatórios I e II* tão bem definidos em termos de faixa etária. Por exemplo, ano passado eu recebi um grupo de meninas de nove anos de idade que queria participar, mas só tinha disponibilidade no horário do *Preparatório I*. Eu não tive dúvidas. Aceitei-as nessa turma. Entre misturá-los e não deixá-las participar, era melhor misturá-los. Nesse caso, você deve dar uma mesclada, indo ora para o lado mais infantil, ora para o menos. Dessa forma, você consegue atingir a todos e permite que mais crianças participem. Além disso, você pode fazer com que os mais velhos ajudem os mais novos. Dessa forma, eles ficam interessados, pois se sentem valorizados como exemplo para os mais jovens.

No coral do Colégio Zaccaria, eu trabalho com os alunos de 1ª à 4ª série juntos. Então, um grupo de meninas que havia passado para a 5ª série pediu para continuar cantando naquele grupo. É lógico que eu aceitei. A atividade deve ser prazerosa. Elas ainda não se sentiam à vontade entre os mais velhos. Então, deve haver uma flexibilidade.

5) Sobre características das melodias trabalhadas nas turmas de *Preparatório*, sobre o início do trabalho a duas vozes, arranjos e repertório.

Eu vejo maior facilidade para a criança perceber a diferença dos intervalos, a noção intervalar, em músicas que têm saltos. Pode ser até que ela não atinja (afine) todas as notas alcançadas por salto, mas pelo menos percebe que cada nota é muito diferente da anterior. Quando as notas da melodia são muito próximas (alturas), ela não percebe a diferença. Aí a tendência é ficar quase em uma só altura ou “falar” a letra. A criança com problema de afinação não tem essa percepção mínima. Ela só percebe grandes diferenças. Eu gosto muito da música “Água, Terra, Fogo e Ar” da Bia Bedran por ser muito cheia de saltos e pelo fato de os saltos serem entre notas do acorde. Pouco a pouco, aula após aula, cada vez mais crianças vão “chegando lá”, atingindo mais notas certas nessa música.

No início do trabalho a duas vozes, a técnica de utilizar duas melodias diferentes combinadas, ou seja, trabalhadas separadamente e depois cantadas simultaneamente, é uma técnica que todo regente usa. Fiz vários cursos de regência coral e todos os regentes foram unânimes em dizer que trabalhavam pares de músicas diferentes que se combinavam. É o primeiro passo para uma criança conseguir cantar uma melodia, ouvindo outra, sem caminhar para a outra voz. São exemplos de pares de música: a) “Casa de Farinha” e “Achei Bom, Bonito”; b) “Sai, Bicho Papão” e “Marcha Soldado”.

Depois que as crianças já conseguem cantar esses pares de música simultaneamente com naturalidade, é bom trabalhar um tipo de arranjo em que vários trechos em uníssono são intercalados com alguns momentos a duas vozes. Um grupo canta a melodia e, em seguida, sustenta uma nota. Contra essa nota sustentada, o outro grupo canta uma resposta criada pelo arranjo ou canta o trecho seguinte da melodia. O processo se repete, invertendo-se a voz que está com a melodia.

No momento em que seleciono arranjos para trabalhar com crianças que estão começando a cantar a duas vozes, eu tenho que fazer diversas adaptações. Basicamente, eu mantenho os trechos a duas vozes que eu sei que elas serão capazes de cantar e transformo o resto em uníssono. Se ao final do *Preparatório II* a criança não for capaz de cantar a duas vozes nesse esquema bem simples e se não tiver alcançado um bom padrão de afinação nas melodias em uníssono, ela deve continuar na atividade no ano seguinte. Em termos de canto a duas vozes, as atividades descritas anteriormente são o máximo que se espera das crianças ao final do *Preparatório II*.

Eventualmente, em função da necessidade de ensaiarmos algumas músicas com eles para serem cantadas com o coro, acabamos invertendo um pouco a ordem, trabalhando com músicas um pouco mais difíceis antes de outras mais fáceis. De uma forma ideal, pela teoria, eu só começaria a dividir vozes (trabalho com duas vozes iguais) depois de ter trabalhado em uníssono com melodias que têm mais movimento por grau conjunto. E só faria a divisão a duas vozes utilizando melodias mais baseadas em saltos e nas quais eles tivessem conseguido boa afinação. Por exemplo, no *Preparatório II* estamos trabalhando o “Samba do Avião” para ser apresentado junto com o coro todo. É uma melodia que tem passagens muito difíceis para eles afinarem. Sendo assim, não daria para dividir em duas vozes de jeito nenhum. Eles ficariam completamente perdidos. Então, trabalhamos essa música em uníssono.

Se trabalharmos exclusivamente com cantigas infantis de roda e com o repertório do folclore, tendemos a perder os alunos. É importante trabalhar com música popular também. Com as crianças de 9 e 10 anos de idade, o interesse pela música popular vai aumentando. Porém, o mais importante é cativar o grupo. Se isso acontecer, você pode fazer qualquer música. No ano

passado, as crianças dessa idade participaram até de uma cantata que nós preparamos aqui no colégio.

6) Sobre a participação dos alunos das turmas de *Preparatório* nas apresentações do coro

A participação das turmas de *Preparatório* nas apresentações do coro é muito importante, mesmo considerando a dificuldade do repertório. Depois das apresentações, eles voltam revigorados e motivados para o trabalho de sala de aula. Dessa forma, o *Preparatório* não fica sendo percebido como uma atividade menor feita pelos alunos que só podem cantar dentro de sala de aula. É claro que isso funciona muito bem em um coro de escola. Em um coro infantil de concerto, a situação seria diferente. A atividade coral na escola tem uma função educativa de levar o jovem para o lado bom da vida e de fazer com que ele tenha prazer em cantar, em participar. O jovem que participa de uma atividade como essa já foi comprado pelo Bem. Ele geralmente não é depressivo ou violento e sabe cultivar uma alegria de viver. Para que a escola mantenha esse ideal, ela deve fazer algumas concessões quanto ao nível técnico musical (qualidade vocal, afinação) a ser atingido pelos alunos. Isso não significa expor o seu grupo ao ridículo de se apresentar cantando tudo desafinado e horroroso. Significa alcançar um nível de qualidade muito bom, mas reconhecer um limite e saber que não vai além daquilo. É terrível ver como algumas pessoas expõem as crianças ao ridículo. Já assisti a apresentações em que fiquei com pena das crianças. Eu procuro levar o meu aluno ao máximo possível de segurança naquilo que ele vai fazer. Eu sei que ele vai ter falhas, mas elas vão ficar diluídas dentro de tudo de bom que ele já está conseguindo fazer.

7) Sobre alguns procedimentos didáticos

Cada aluno do *Preparatório* tem uma ficha. Quando faço o teste no início do ano, identifico a extensão de cada um e registro nessa ficha. Tenho a expectativa de que a extensão seja ampliada ao longo do trabalho. No início do ano seguinte, refaço o teste e geralmente verifico que houve essa ampliação. O teste consiste em pedir para que as crianças cantem alguma música que elas conhecem, como "Atirei o pau no gato" ou "Parabéns pra você". Vou mudando de tonalidade tanto para o agudo como para o grave, fazendo a transposição por semitom.

Com as crianças de 1ª e 2ª série do *Preparatório I* é muito importante trabalhar com as melodias folclóricas que levam à movimentação. Nessa faixa etária entre sete e oito anos, tudo é muito físico. Eles precisam se movimentar. A movimentação leva ao interesse.

É importantíssimo ouvir cada aluno individualmente. É claro que há uma timidez, mas eu sempre tenho uma atitude de respeito pelo que ele está cantando. Mesmo que ele erre, eu vou adiante e faço com que ele vá percebendo naturalmente que houve um erro. Sem ficar dizendo “que horror”, “está feio”, essas coisas absurdas que ninguém mais faz. Não é bom ficar insistindo e criando uma angústia no aluno. Isso só faz com que ele se feche cada vez mais. Qualquer melhora deve ser reforçada, reconhecida. A minha função aqui é fazer com que eles percebam os sons. É um trabalho de percepção. É fazê-los ouvir e reproduzir, ouvir e reproduzir. Cada vez mais perto da qualidade de afinação desejada.